

OS ANTIGOS LÓGICOS GREGOS*

PAULO ALCOFORADO**

Se o termo “lógica” for tomado em acepção ampla e relativamente vaga, pode-se afirmar que aquilo que ele designa tem uma origem remota. Para se fixar um momento histórico, seria possível dizer que seu ponto de partida, de certa forma, remonta às primeiras etapas históricas do procedimento dialético, vale dizer, ao século V antes de nossa era. Tal é, ao que parece, a opinião de Aristóteles, o criador da lógica formal.

Como se sabe, Aristóteles não dispõe de uma palavra tão abrangente quanto “lógica”. Em nenhum de seus escritos encontramos uma palavra que lhe equivalha em extensão. Mas sabendo que o vocábulo *sylogismós* é, na acepção que ele lhe dá, praticamente tão extenso quanto o termo “raciocínio dedutivo”¹, podemos afirmar que a locução mais

* O presente trabalho é parte de uma série de estudos sobre lógica grega financiados pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e realizados com o apoio do Instituto de Lógica, Filosofia e Teoria da Ciência (ILTC) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Ficam aqui consignados nossos sinceros agradecimentos a todas essas instituições. O autor também agradece ao prof. Newton C.A. da Costa (USP) por suas valiosas sugestões.

** Professor da UFRJ e pesquisador do ILTC.

(1) Eis como ele define este vocábulo: “Um *sylogismós* é um discurso no qual, certas coisas sendo postas, uma coisa distinta das que foram postas se segue necessariamente por força do que foi posto.” (*Tóp.*, 100a25-7; *Soph. El.*, 165a1-3; *An. Pr.*, 24b18-20). Como se vê, a definição acima é tão ampla e abrangente, que compreende, sem restrição, qualquer tipo de inferência dedutiva. Por tal razão, no âmbito da definição acima, a palavra *sylogismós* pode ser traduzida, sem perda de precisão, pelas expressões “raciocínio dedutivo” ou “inferência dedutiva”

próxima de “lógica”, caso ele quisesse se valer de alguma, teria sido algo como “ciência do *sylogismoi*” ou “teoria do *sylogismós*” Os *Tópicos* classificam os *sylogismoi*, levando em conta sua força probatória, em demonstrativos, dialéticos, erísticos e paralogísticos (*Tóp.*, 100a27-101a9). Nas *Refutações Sofísticas*, Aristóteles distingue, de início, quatro tipos de *sylogismoi*: didáticos, dialéticos, peirásticos e erísticos, todos em forma de diálogo. Algumas linhas abaixo, porém, ele reconhece ainda a existência de uma outra espécie: os demonstrativos (*Soph. El.*, Cap. II). Observe-se entretanto que entre todas essas formas de *sylogismoi*, cabe descartar os argumentos didáticos e peirásticos por não possuírem suficiente autonomia e delimitação, já que são formas que só se manifestam no âmbito da dialética. Por outro lado, o estudo dos *sylogismoi* erísticos e paralogísticos pode ser assimilado ao estudo dos sofismas por se tratarem de corruptelas do mecanismo dedutivo, seja por corromperem o nexos entre premissa e conclusão, seja por distorcerem a verdade das premissas. As únicas formas básicas e irredutíveis de dedução válida seriam, assim, a *dialética* e a *demonstrativa*. E dado que Aristóteles sustenta, como vimos, que uma das formas de *sylogismós* é a dialética; e como esta é, historicamente falando, a mais antiga forma de *sylogismós*, já que remonta ao século V, segue-se que a origem da lógica remontaria também à origem da dialética². A história da lógica grega portanto não se identifica nem se reduz à história da lógica formal – i.é,

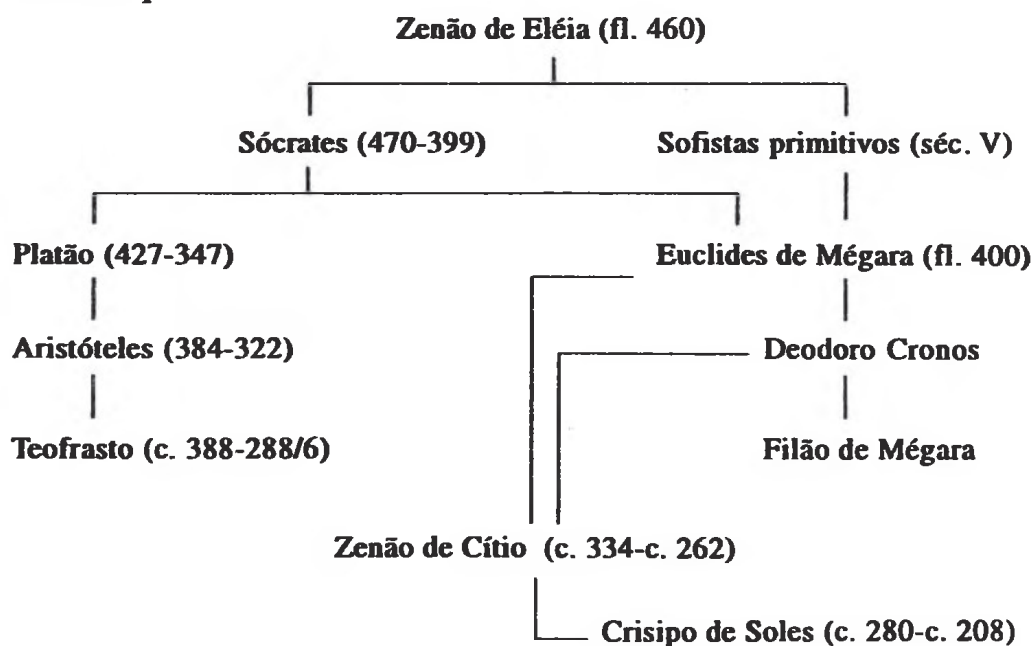
(2) A dialética grega se caracteriza, como se sabe, por ser um processo de discussão, por perguntas e respostas, que se articula entre duas partes – o argüido e o argüidor –, que sustentam, acerca de um tema ou problema, posições opostas. Toda discussão dialética, portanto, gira em torno dessa polarização. Para vencer ou refutar o argüido, mostrando as conseqüências absurdas que decorrem da tese por ele assumida, o argüidor tem que apelar, no decurso do debate, para uma regra ou princípio que dê embasamento lógico a sua argumentação. Tal princípio foi, mais tarde, denominado *élenchos*, que assume, quando devidamente explicitado, a configuração de uma regra formal de refutação, como por exemplo a redução ao absurdo ou o *modus tollens*. De um ponto de vista contemporâneo, ousamos dizer que a dialética interessa proximamente à lógica não enquanto estatui um processo de discussão que envolve a presença de dois interlocutores, mas enquanto implica uma regra ou princípio de refutação (*élenchos*),

que o quadro que se vê em sua *Ancient Formal Logic*⁴ não oferece, em nosso entender, qualquer interesse especial. Quanto a B. Mates, seu esquema explicativo da corrente megárico-estóica, por assim dizer, aparece em sua *Stoic Logic*⁵, um dos mais notáveis livros já escritos a respeito da lógica estóica. Deste modo, nossas observações se restringirão ao que se lê no *Stoic Logic* de B. Mates associado ao *Formale Logik* de I. M. Bochenski, uma das obras mais importantes sobre história da lógica escritas no século XX.

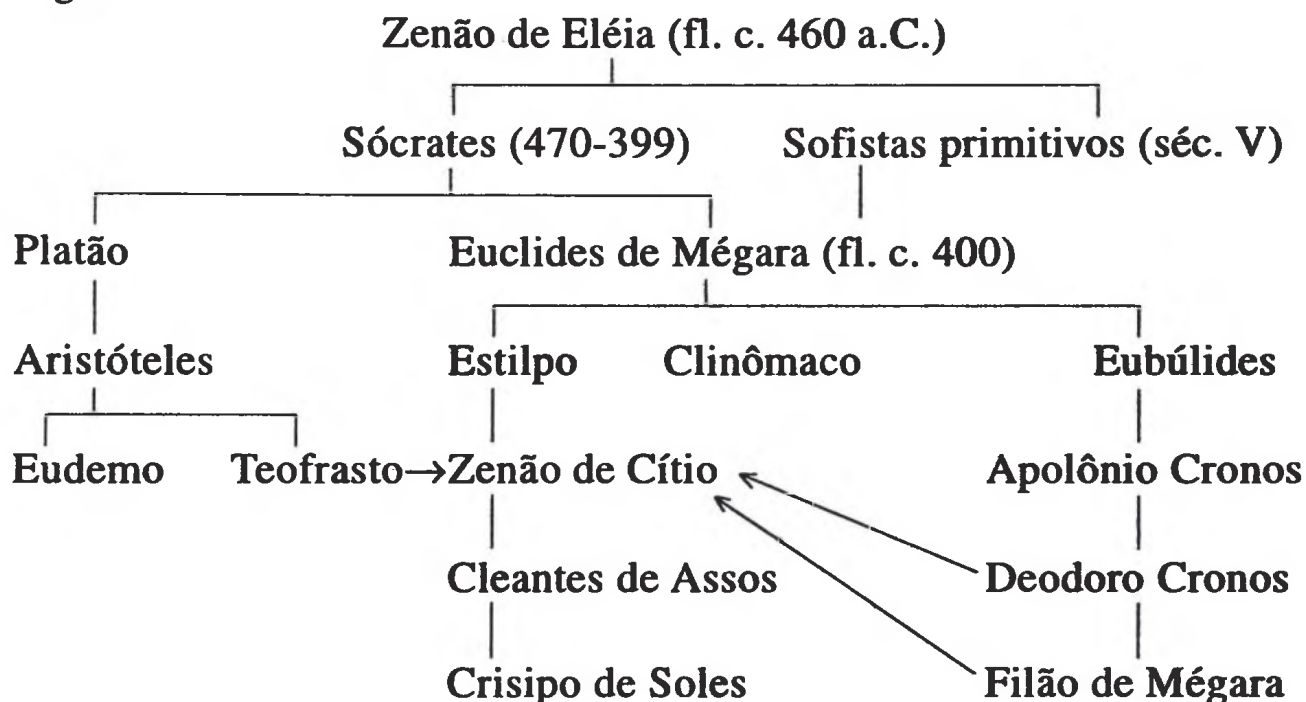
Com efeito, a partir das análises críticas realizadas a esses dois livros poderemos, a seguir, propor e justificar uma nova reconstrução do esquema evolutivo da lógica grega.

Não é preciso dizer que todos os esquemas propostos para explicar as relações de dependência doutrinária constituem, na verdade, uma imensa simplificação do processo de criação e difusão do conhecimento. Eles são, no entanto, de uma utilidade inestimável, na medida em que iluminam e organizam, de modo direto ou indireto, um conjunto de dados e informações dispersos em diversas fontes históricas de difícil acesso e cuja interpretação nem sempre se afigura imediata.

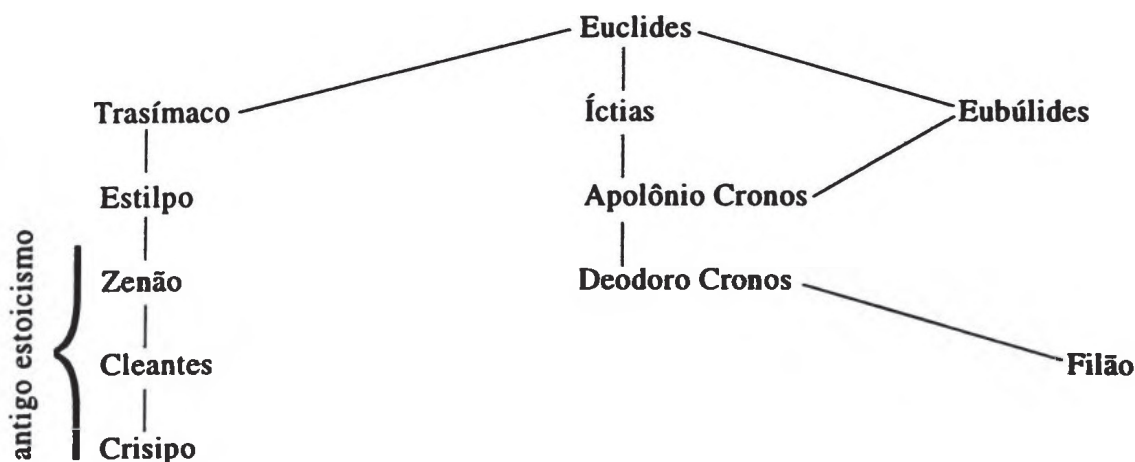
(4) O esquema de Bochenski, abaixo, tanto ocorre em Bochenski 2, p. 10, quanto em *idem* 3, p. 32:



Com isso acreditamos aprofundar um tópico relevante desse setor da história da lógica antiga. Não se trata portanto de um mero exercício vazio de erudição que a nada de importante conduz. Pelo contrário, trata-se aqui de uma tarefa que permite, de modo eminente, esclarecer *influências* e determinar *dependências* de ordem teórica e filosófica no âmbito da lógica grega. Em nosso entender, o esquema que melhor representa o conjunto dos dados históricos de que hoje dispomos é o seguinte:



(5) Benson Mates resume no quadro abaixo a maneira pela qual concebe a inter-relação dos megáricos com os estóicos (cf. Mates 5, p. 5).



Aristóteles nos diz explicitamente, em seu diálogo *Sofista*, ter sido Zenão o fundador da dialética⁷ Tal é o que sabemos através de dois ilustres doxógrafos. Com efeito, relata-nos Diógenes Laércio (fl. 225-250 d.C.) o seguinte:

Aristóteles diz no *Sofista* que Empédocles foi o primeiro a descobrir a retórica, e Zenão, a dialética (D.L., VIII, 57).

De forma basicamente similar se manifesta Sexto Empírico (fl. 200 d.C.) a esse respeito:

Assim, Aristóteles diz que Empédocles foi o primeiro a cultivar a arte da retórica... E não parece que Parmênides fosse inculto em dialética, já que Aristóteles pensa que seu amigo Zenão foi o fundador da dialética (*Adv. Math.*, VII, 6-7).

Em segundo lugar, dizemos que Sócrates e os sofistas sofreram influência de Zenão de Eléia na medida em que tanto Sócrates quanto os sofistas se serviram, válida ou invalidamente, da discussão em forma de diálogo, vale dizer, do método dialético. Tal indicação devemos a Bochenski, como se pode ver em seu esquema (cf. nota 4).

Em terceiro lugar, que Platão (428-347) e Euclides de Mégara tenham recebido, de um modo ou de outro, influência de Sócrates é um fato que parece bem estabelecido. Que Platão tenha sido o mais brilhante aluno de Sócrates é algo que não dá margem a qualquer discussão. Quanto

(7) Importa dizer que a respeito dessa afirmação de Aristóteles muito se especulou, não só sobre o que teria Zenão realizado para merecer o título de inventor da dialética, como também sobre o que entendia o próprio Aristóteles pela palavra “dialética” quando aplicada ao presente contexto. Ao responder à primeira indagação, importa ter presente que a dialética é um procedimento complexo, constituído de várias partes ou aspectos e podendo servir a distintas finalidades. Ao dizer que Zenão foi seu criador, Aristóteles não quer necessariamente dizer que a dialética saiu pronta e acabada de suas mãos.

Mégara, Diógenes cita Heráclides, o qual afirma “que Zenão, o fundador da escola estóica, foi seu discípulo” (D.L., II, 120). Esta passagem justifica tanto Mates quanto Bochenski. Resta saber, porém, se os estóicos não receberam, além da de Estilpo, influência de outros megáricos – i.é, de Deodoro e Filão. Também neste pormenor, Diógenes é nossa única fonte. Quanto a Deodoro Cronos, diz Hipóbotos – citado por Diógenes – que “Zenão também estudou com Deodoro, exercitando-se em dialética” (D.L., II, VII, 25). No que concerne a Filão, em uma passagem anterior, Diógenes relata que Zenão “costumava praticar a dialética com muito zelo em companhia de Filão e estudava conjuntamente com ele... e dedicava a Filão uma admiração tão grande quanto a que sentia por seu mestre Deodoro” (D.L., II, VII, 16). Em resumo, é lícito admitir a existência de algum tipo de influência sobre os estóicos exercida por Estilpo, Deodoro e Filão. Quanto à segunda parte da indagação: que

(13) Estilpo (c. 380-c. 300 a.C.) era originário de Mégara, donde ser conhecido sob o nome de Estilpo de Mégara. É tudo o que se sabe sobre sua origem. Quanto à sua formação, parece certo que tenha estudado com alguns discípulos de Euclides, talvez mesmo com o próprio Euclides, e com Trasímaco de Corinto (D.L., II, 113). Foi, ao que nos diz Diógenes, um filósofo renomado e um hábil polemista. “Pela inventividade e pela capacidade de filosofar sobrepujou a tal ponto os demais filósofos, que quase toda a Grécia o admirava e aderiu à escola megárica” (D.L., II, 113). Diz Diógenes que dele se conhecem nove diálogos (D.L., II, 120). Nenhum, porém, chegou até nós.

Em filosofia, admitia o monismo típico da escola megárica. Sustentou a inexistência dos universais, negando que existisse qualquer diferença entre universais e singulares. Talvez por tal razão tenha elaborado uma série de objeções paradoxais à predicação, afirmando que todo enunciado não-tautológico era falso. “Sendo extraordinariamente sutil nas discussões, negava a existência dos gêneros [universais] e sustentava que aquele que diz ‘homem’ não diz nenhum homem [em particular], já que nem é este homem, nem é aquele outro [e assim por diante]; pois por que seria antes este [homem determinado] do que aquele? Portanto, [ao dizer ‘homem’] ele não diz ‘este homem’” (D.L., II, 119).

Das possíveis influências de Estilpo sobre Zenão, a negação da existência de universais terá sido, quem sabe, a mais importante e rica em consequências. Sua influência na formação da lógica estóica não foi, ao que parece, desprezível. Ao que se diz, Zenão de Cítio, fundador do estoicismo, adquiriu de Estilpo seu conhecimento de dialética (D.L., II, 120).

estóicos foram influenciados pelos megáricos, a resposta é basicamente a que se depreende das informações acima. Ao que parece, Zenão de Cítio foi o único estóico que recebeu influência direta dos megáricos¹⁴. Não há uma passagem de Diógenes que assinale, de maneira explícita, terem Cleantes ou Crisipo sido influenciados, de um modo ou de outro, por qualquer outro filósofo megárico. Sendo assim, é pensável que toda a influência megárica sobre os estóicos tenha se dado sobre Zenão de Cítio e dele se propagou para Cleantes e Crisipo.

Em décimo primeiro lugar, é dito explicitamente por Diógenes Laércio que Filão de Mégara foi aluno de Deodoro Cronos (D.L., VII, 16). O que justifica a presença daquele logo abaixo deste em nosso esquema evolutivo dos lógicos gregos. De fato, que Deodoro tenha sido mestre de Filão é uma informação, ao que tudo indica, inquestionável e, por tal motivo, seus nomes ocorrem tanto no esquema de Bochenski quanto no de Mates (cf. notas 3, 4 e 5).

Em décimo segundo lugar, um complicado problema se arma no âmbito da história da lógica teofrástica, na medida em que inúmeras noções, teorias e doutrinas são atribuídas não a Teofrasto isoladamente, mas a Teofrasto e Eudemo¹⁵ conjuntamente – sem qualquer discrimina-

(14) Tampouco é fácil precisar, dada a carência de informações, a contribuição de Deodoro e Filão para a formação do pensamento de Zenão, mas parece plausível que esta tenha se dado fora do âmbito da ética. Ao que se sabe, os megáricos constituíam uma corrente que dava especial atenção às técnicas argumentativas e aos procedimentos dialéticos. Ao lado disso, inúmeros tópicos de semiótica e de teoria da linguagem foram por eles descobertos e desenvolvidos. É mesmo pensável que Zenão, neste domínio, tenha contribuído não tanto por suas próprias descobertas, mas por sua atividade de professor, daquele que assimila e transmite um conhecimento pré-existente que domina sem que ele próprio o tenha descoberto. Consoante esta hipótese, Crisipo teria sido o herdeiro ou destinatário das invenções megáricas, já que ele, e não Zenão, parece ter sido o lógico da escola.

(15) Eudemo de Rodas (fl. segunda metade do século IV a.C.) foi discípulo e amigo de Aristóteles. A respeito de sua vida, nada se sabe. Ao que parece, foi forte concorrente de Teofrasto à sucessão de Aristóteles na direção do Liceu. Mas é um fato bem conhecido que foi Teofrasto, e não Eudemo, o escolhido. Mais tarde, retirou-se para Rodas, onde fundou sua própria escola. Foi um notá-

recebido, em lógica, alguma influência dos aristotélicos, de modo geral, ou de Teofrasto, em particular, não é afirmado explicitamente por nenhuma das fontes antigas de que temos conhecimento. A razão de o esquema acima indicar uma explícita influência de Teofrasto sobre Zenão decorre do fato de os estóicos também terem se dedicado à lógica, disciplina inventada por Aristóteles, mestre de Teofrasto, filósofo contemporâneo de Zenão de Cítio. Mas não se deve descartar a hipótese de que os estóicos tenham travado contato direto não com Teofrasto, mas com as próprias obras lógicas de Aristóteles e delas retirado a inspiração e os subsídios de que necessitavam. Além dessas hipóteses, também é possível a conjectura de que a mera influência dos megáricos tenha sido suficiente para explicar tudo o que em princípio foi aqui creditado à influência do ensino de Teofrasto. Toda essa indagação no entanto ainda é uma questão em aberto, e a seu respeito nada ultrapassa o plano da mera conjectura.

de Wehrli ao se perguntar se a presença sistemática desses dois nomes não indicaria uma incerteza por parte das fontes quanto à real identidade do autor das inovações lógicas em questão ou se isto, pelo contrário, apenas expressaria o fato de ter havido uma colaboração efetiva e estreita entre ambos ao longo do tempo (Wehrli 7, VIII, p. 79).

Dada a incerteza que paira sobre essa questão, não é de se admirar que haja quem afirme ser este tópico insolúvel e, por tal razão, sustente ser impossível distinguir a contribuição específica de Teofrasto da de Eudemo. Por outro lado, longe de sugerir discrepância ou divergência entre esses dois discípulos de Aristóteles, esta associação de nomes indica uma substancial identidade de reflexão que entre eles teria existido (Repici 6, p. 42).



Fig. 1. Relationship between N and D for the two models.

